

**A construção de uma *pedagogia*
*dos manuais médicos***
um olhar *queer* sobre os discursos médicos
da homossexualidade no século XX

*The construction of a pedagogy of medical textbooks:
one queer look at the medical discourse
of homosexuality in the century XX*

Jackson Ronie Sá-Silva

Universidade Estadual do Maranhão
jacksonronie@ig.com.br

Edla Eggert

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
edla.eggert@gmail.com

04

Resumo

O artigo apresenta o percurso metodológico de uma pesquisa documental realizada em 32 livros das áreas da Medicina, Psicologia e Educação publicados no Brasil entre as décadas de 1920 a 1970 sobre como médicos, psicólogos e educadores se posicionavam acerca do tema da homossexualidade tendo como aporte analítico a teoria *queer*. Os trechos dos livros analisados demonstram haver informações de cunho pedagógico para lidar com situações em que meninos e meninas são reconhecidos como homossexuais. O material evidenciou existir proposições médicas que “ensinam” como conduzir a homossexualidade do menino afeminado e da menina masculinizada. Os textos desses livros apontam para estratégias educativas, receitas, experiências e modos de agir diante da situação “indesejável”, portanto sexista e homofóbica, de se ter um/a filho/a ou aluno/a homossexual. Tais operações discursivas denominou-se *pedagogia dos manuais médicos*.

Palavras-chave: Homossexualidade. Medicina. Educação. Teoria *Queer*.

Abstract

The article presents the methodological approach of a documentary survey of 32 books from the fields of Medicine, Psychology and Education published in Brazil between the 1920s and 1970s on doctors, psychologists and educators were standing about homosexuality theme its analytical contribution *Queer* theory. The passages of the analyzed books show that there pedagogical nature of information to deal with situations in which boys and girls are recognized as homosexuals. The material showed there medical propositions that “teach” how to drive homosexuality effeminate boy and masculine girl. The texts of these books point to educational strategies, recipes, experiences and ways of acting before the situation “undesirable”, thus sexist and homophobic, situation involving a homosexual child or student. There discursive operations were called *pedagogy of medical textbooks*.

Keywords: Homosexuality. Medicine. Education. *Queer* theory.

Introdução

A partir da análise do conteúdo de livros de Medicina, Psicologia e Educação publicados no Brasil do século XX, realizamos a argumentação de que um conjunto de ideias sobre a homossexualidade foram pedagogicamente articuladas visando conduzir os sujeitos categorizados como homossexuais. A catalogação dessas ideias nos ajudou a construir argumentos de que tais discursos se configuram no que denominamos *pedagogia dos manuais médicos*¹. A construção da noção de que livros médicos ensinavam como lidar com sujeitos qualificados de homossexuais, ditando formas de tratar, prevenir e até curar e posicioná-los/as mediante a lógica heterossexual, teve como perspectivas de análise a teorização *queer*², o pensamento foucaultiano sobre as redes de saber-poder e as noções de “pedagogia cultural” de Shirley Steinberg (2001, 1997) e Tomaz Tadeu da Silva (2009). E, utilizando os pressupostos da pesquisa documental, construímos um *corpus*³ de análise a partir da leitura e categorização de trinta e dois livros editados entre os anos 1928 e 1978.

Nossa intenção, ao analisar o *corpus*, foi buscar vestígios sobre uma possível configuração pedagógica que se manifesta na escrita

¹ Ao fazermos referência à noção de *pedagogia dos manuais médicos* iremos grafar o termo em itálico. A intenção é colocar em evidência aquilo que criamos a partir da construção teórico-metodológica desta noção, contida numa discussão mais ampla resultante de tese de doutorado. Acesso ao trabalho completo: http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/3445/homossexuais_sao.pdf?sequence=1&isAllowed=y

² Entendemos ser uma perspectiva importante em nossas análises. Ou seja, chegamos aos estudos *queer*, que para além da palavra mantida no termo original do inglês, que significa “estranho, desengonçado ou fora do normal”, mantemos um diálogo com os estudos feministas e de gênero em que tentamos desconstruir os elementos normatizadores de uma lógica androcêntrica, heterossexual, mas também racista e classista.

³ Denominamos *corpus* ao conjunto de trechos que selecionamos dos trinta e dois livros que fizeram parte da investigação como um todo.

deses autores e autoras. Para Michel Foucault as ciências médicas penetraram insistentemente nos prazeres sexuais das pessoas. Assim, o discurso biomédico “[...] inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental [...]; classificou como desvelo todas as formas de prazeres anexas; integrou-os ao ‘desenvolvimento’ e às ‘perturbações’ do instinto; empreendeu a gestão de todos eles” (FOUCAULT, 2007, p. 48). A pesquisa documental realizada demonstrou que as ideias médicas presentes nos livros – assim como as formas de dizer dos autores e autoras quando construía seus argumentos ao se referirem ao “homossexualismo” – são substâncias discursivas que foram utilizadas (e ainda são!) por diferentes instituições sociais para direcionar, conduzir e gerir as pessoas marcadas como “homossexuais”. Tais proposições, endossadas e divulgadas pela *intelligentsia* médica e pedagógica brasileiras da época, configuraram o que estamos chamando de *pedagogia dos manuais médicos*. Assim, este texto apresenta a proposta teórico-metodológica que construímos para compor o *corpus* investigativo que nos subsidiou para caracterizarmos a noção de *pedagogia dos manuais médicos*.

Uma metodologia para compreender os discursos médicos sobre a homossexualidade

Os discursos sobre as práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo precisam ser problematizados tendo-se o cuidado de avaliar o contexto em que foram produzidos. Ideias, saberes, informações, proposições e teorias são cambiantes e se (re) configuram ao longo da história. Além disso, é importante ficarmos atentos/as para outras questões: Quem os produziu? Como foram produzidos? Quais as intenções dessa produção?

Adentrar nas tramas e meandros das práticas médicas que foram produzidas e reproduzidas em todo o século XX sobre a homossexualidade e divulgadas em livros de Medicina, Psicologia e Educação requereu um aporte metodológico que levou em consideração a produção histórico-cultural de ideias e proposições sobre a homossexualidade desenvolvidas ao longo do século XX.

A investigação de processos sociais pode ser realizada, reconstruída e problematizada a partir de fontes bibliográficas e da análise de documentos, sendo que a dinâmica de tais eventos pode ser compreendida utilizando-se a perspectiva histórica como suporte metodológico: “a compreensão dos fenômenos sociais dos nossos dias [...] depende do acontecimento que se tenha do passado. Assim, os acontecimentos atuais só têm significado com relação ao contexto dos fatos passados” (RICHARDSON, 1999, p. 245). Sendo assim, uma abordagem histórica permite perceber como se engendraram as forças que produziram o que consideramos, hoje, as verdades sobre a homossexualidade.

Nunes (2005) ao discutir acerca dos objetos científicos que trazem como problematização a sexualidade humana lembra que os/as pesquisadores/as não devem deixar de contextualizar as dimensões socioculturais e históricas, porque abordar esse tema implica retomar alguns campos: a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Segundo ele, não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de diferentes épocas e contextos.

Então perguntamos: Que tipo de abordagem e técnica de pesquisa nos ajudaria a catalogar, categorizar e compreender os discursos médicos sobre a homossexualidade impressos em livros de Medicina, Psicologia e Educação do século XX? A pesquisa documental nos pareceu apropriada para esse empreendimento investigativo. Para a consecução da investigação bibliográfica e documental nos baseamos nos pressupostos teórico-metodológicos de Cellard (2008), Duffy (2008), Pimentel (2001) e Sá-Silva; Almeida; Guindani (2009). O uso de documentos em pes-

quisas⁴ que investigam processos culturais deve ser estimulado porque podem revelar acontecimentos que ajudam a compreender situações socioculturais contemporâneas. Documentos – sejam fontes primárias ou secundárias – revelam muitas informações que podem ajudar os/as pesquisadores/as a avançarem na produção de conhecimento em vários campos das ciências humanas e sociais: o contexto histórico do acontecimento; as intenções do/a autor/a ao escrever aquela obra; as ideias que prevaleciam ou eram ocultadas, etc. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das ciências humanas e sociais, porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Outra justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que ele permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão social. A análise documental possibilita a observação do processo contraditório e dinâmico da evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas culturais, etc.

Quando usamos as denominações “livros médicos”, “manuais médicos” ou “compêndios médicos” estamos nos referindo aos livros que catalogamos. O que utilizamos para construir o *corpus* analítico foram trechos de livros escritos por sujeitos que se propuseram, em um dado momento do século XX, escrever sobre a homossexualidade tendo como lugar de discussão as áreas da Medicina, da Psicologia e da Educação. Incluímos tais produções na categoria “livros médicos” por percebermos que em suas estratégias discursivas encontrava-se diluído, às vezes de forma clara e em outros momentos implicitamente, o pensamento médico-higienista. Tal pensamento foi construído no meio médico e difundido para áreas como Direito, Criminologia, Psicologia,

⁴ A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores/as sobre o tema atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias.

Educação Física e a Educação, dentre outras. Ainda, os livros consultados, mesmo não tendo necessariamente as insígnias de “compêndio médico” / “livro médico” / “manual médico” (ou ter sido escrito, literalmente, por um/a doutor/a⁵), trazem fortemente as marcas da Medicina, principalmente ao divulgarem informações estruturadas a partir de noções como saúde-doença, diagnóstico, prevenção, tratamento e cura. Sendo assim, ao nos referirmos às produções catalogadas usaremos tais denominações mesmo tendo consciência de que parte dos livros não são “genuinamente” médicos.

Como os autores e as autoras dos livros apresentavam o tema da homossexualidade no decorrer do século XX no Brasil? Que discursos eram produzidos e divulgados? Para os/as autores/as o que deveria ser feito diante da certeza (ou suspeita) da homossexualidade de um sujeito? Os trinta e dois livros utilizados para compor o *corpus* demonstraram que de 1928 a 1978 muita coisa foi dita sobre a homossexualidade. Teorias foram usadas para embasar incontáveis discursos corretivos acionados contra aqueles e aquelas identificados/as como homossexuais. Inúmeros foram os mecanismos utilizados para conter, abafar, reprimir e esgotar as forças daqueles e daquelas que através dos corpos, dos gestos, das atitudes e dos pensamentos eram apontados/as como delituosos/as, safados/as, criminosos/as, desviantes, anormais e doentes. Incontáveis foram as estratégias utilizadas para falar dos sujeitos “disparatados” porque esta “caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e a nova especificação dos indivíduos” (FOUCAULT, 2007, p. 50).

No *corpus* encontra-se diversas proposições e argumentos não só sobre a homossexualidade, mas também sobre outros conteúdos que atravessam os temas da sexualidade e do gênero. Apreendemos conteúdos que apresentamos como importantes para a problematização e a construção da noção de *pedagogia dos manuais médicos*, mas outras lentes, outros olhares, outros campos, outras epistemologias podem

⁵ Forma como tradicionalmente eram (e ainda são) chamados/as os/as médicos/as.

incursionar no *corpus* produzido a partir deste trabalho que aqui apresentamos. Foram 32 livros utilizados para compor o *corpus* listados nos Quadros 1 e 2. O *corpus* foi subdividido em dois *corpora*: “*corpus* medicina/psicologia” e “*corpus* educação”.

Quadro 1 – Relação dos livros de Medicina e Psicologia utilizados para compor o “*corpus* medicina/psicologia”. Os livros foram catalogados em quatro bibliotecas: Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil; Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS), em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil e Biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em São Luís, Maranhão, Brasil.

Nº	LIVROS	ÁREAS	PÚBLICO-ALVO	ANO
1	FOREL, Augusto. A questão sexual . 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928. <i>(obra traduzida do francês)</i> .	Medicina	Médicos	1928
2	SILVA, Gastão Pereira; SILVA, José Pereira. Crime e Psico-Análise . Rio de Janeiro: Livraria Editora Marisa, 1933.	Psicanálise / Criminologia	Médicos e psicólogos	1933
3	VIVEIROS DE CASTRO, Francisco José. Atentados ao pudor : estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 4 ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 1943.	Psiquiatria / Criminologia	Psiquiatras forenses/ Criminologistas	1943
4	LACHAPELLE, Paulo. Psiquiatria pastoral . Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1944.	Psiquiatria / Teologia	Médicos e teólogos	1944
5	FOUQUÉ, Charles. Homossexualismo : o amor que não ousa dizer seu nome. Estudos psico-sexuais. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1953. <i>(obra traduzida do francês)</i>	Medicina	Público em geral	1953
6	IRAJÁ, Hernani. Psicoses do amor : estudos sobre as alterações do instinto sexual. 9 ed., Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1954.	Psiquiatria	Psiquiatras	1954
7	BIBLIOTECA DE ESTUDOS SEXUAIS. Erotologia feminina : com fotografias originais. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora, 1955.	Medicina / Psicologia	Psiquiatras/psicólogos	1955
8	CAPRIO, Frank; BRENNER, Donald. Conduta sexual : aspectos psicolegais incluindo casos típicos. São Paulo: IBRASA, 1967. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Medicina / Psicologia	Psiquiatras/psicólogos	1967

9	STORR, Anthony. Desvios sexuais . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Psiquiatria / Psicologia	Psiquiatras/psicólogos	1967
10	ULLERSTAM, Lars. As minorias eróticas . Rio de Janeiro: Imago, 1967. <i>(obra traduzida do inglês)</i> .	Psiquiatria/ Psicologia	Psiquiatras/Psicólogos	1967
11	VANDERVELDT, J.H.; ODENWALD, R.P. Psiquiatria e catolicismo . Lisboa: Editorial Aster, 1968. <i>(obra traduzida do alemão)</i>	Medicina / Teologia	Psiquiatras e padres	1968
12	EDELSTEIN, Isidoro. Princípios educativos de medicina social: sexologia . Rio de Janeiro, 1971.	Medicina / Psicologia	Médicos, psicólogos e professores	1971
13	SPOERRI, Thomas. Compêndio de psiquiatria . Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1972. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Psiquiatria	Psiquiatras	1972
14	MARMOR, Judd. A inversão sexual: as múltiplas raízes da homossexualidade . Rio de Janeiro: Imago, 1973. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Psiquiatria	Psiquiatras/ médicos em geral/psicólogos	1973
15	COSTIN, Frank. Psicologia do anormal . São Paulo: Brasiliense, 1978. <i>(obra traduzida do inglês)</i>	Psiquiatria e Psicologia	Psiquiatras/psicólogos	1978

Fonte: O autor e a autora.

Quadro 2 – Relação dos livros de Educação que compuseram o “*corpus* educação”. Os livros foram catalogados em quatro bibliotecas: Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil; Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil e Biblioteca da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em São Luís, Maranhão, Brasil.

Nº	LIVROS	ÁREAS	PÚBLICO-ALVO	ANO
1	PAUCHET, Victor. Os filhos: sua preparação para a vida . São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. <i>(obra traduzida do francês)</i>	Orientação educacional	Pais	1934
2	STEKEL, Wilhelm. Educação dos pais . Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936. <i>(obra traduzida do alemão)</i>	Orientação educacional	Pais e professores	1936
3	SCHMIDT, Isabel Junqueira. Orientação educacional . Porto Alegre: Editora da Livraria Globo, 1942.	Orientação educacional	Orientadores educacionais e professores	1942
4	RAMOS, Arthur. A criança problema: a higiene mental na escola primária . 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Editôra da Casa do Estudante do Brasil, 1949.	Orientação educacional	Orientadores educacionais, professores e pais	1949

5	NEVES, Margarida Sinai. Educação sexual . Porto Alegre: Editora Globo, 1954.	Educação sexual	Professores, pais e assistentes sociais	1954
6	NÉRICI, Imídeo. Seus filhos, o sexo e você : normas de educação sexual da infância à adolescência. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1959.	Educação sexual	Professores, psicólogos e pais	1959
7	WEIL, Pierre. A criança, o lar e a escola : guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1960.(obra traduzida do francês)	Educação / Psicologia	Professores e pais	1960
8	SCHMIDT, Maria Junqueira. Também os pais vão à escola . Rio de Janeiro: Editora Agir, 1964.	Orientação educacional	Professores e pais	1964
9	ROCHA, Zaldo. Como educar nossos filhos? Rio de Janeiro: Vozes, 1965.	Orientação educacional	Professores e pais	1965
10	SCHMIDT, Maria Junqueira. Educar para a responsabilidade . Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1967.	Educação	Professores e pais	1967
11	ELLIS, Albert. Sexo e o homem solteiro : mitos e realidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.(obra traduzida do francês)	Educação sexual	Público em geral	1969
12	DUVALL, Evelyn Millis. A juventude descobre o amor : fatos sobre o sexo e o amor para adolescentes. 4 ed. São Paulo: IBRASA, 1970. (obra traduzida do inglês)	Orientação educacional	Professores e pais	1970
13	PANDU, Pandiá. Enciclopédia do sexo ilustrada : sexo, amor, erotismo. Rio de Janeiro: Editora Tanguará, 1970.	Educação sexual	Público em geral	1970
14	PEREIRA, F.A. (org.). Moderna enciclopédia sexual . 8 ed., v.2 (F-M), São Paulo: Libra Empresa Editorial, 1971.	Educação sexual	Público em geral	1971
15	NETTO, Aguiar. Psicologia, ciência e vida : orientação educacional. v.1. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975.	Orientação educacional	Professores e pais	1975
16	NETTO, Aguiar. Psicologia, ciência e vida : orientação educacional. v.2. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975.	Orientação educacional	Professores e pais	1975
17	NETTO, Aguiar. Psicologia, ciência e vida : orientação educacional. v.3. São Paulo: Editora e Encadernadora Formar, 1975.	Orientação educacional	Professores e pais	1975

Fonte: O autor e a autora.

No processo de categorização dos dados construímos *Quadros-Resumos* com o intuito de reunir as ideias centrais do pensamento dos/as autores/as sobre a homossexualidade. Assim, todos os *Quadros-Resumos* são sínteses elaboradas durante o processo de análise dos livros.

Cada *Quadro-Resumo* reúne uma compreensão do que tivemos sobre o conteúdo apresentado pelos/as autores/as dos livros. A criação desse recurso metodológico facilitou “enxergar”, compreender e trabalhar com a imensidão de dados qualitativos que produzimos. O Quadro 3 exemplifica o modelo de *Quadro-Resumo* construído para cada livro analisado.

Quadro 3 – *Quadro-Resumo*: Informações sobre o tema homossexualidade extraídas do livro: WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a escola**: guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1960. A obra foi adquirida na biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

LIVRO	DADOS GERAIS DO LIVRO	PERSPECTIVA DA ABORDAGEM
	<p>Área do conhecimento: Educação/ Psicologia Formação do autor: Psicologia Ano da edição:1960 Público-alvo: Pais e Professores.</p>	<p>A abordagem é conduzida a partir das ideias de Freud; Cita o Complexo de Édipo para explicar o fenômeno do afeminamento no menino.</p>
CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO		
<p>O capítulo analisado intitula-se: “Menino afeminado”; A discussão gira em torno da criança e do adolescente afeminado; O autor demarca as características de um sujeito afeminado ensinando como identificá-lo em casa e na escola.</p>		
CONTEÚDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE		
<p>O texto descreve em detalhe quem é o afeminado e associa essa característica à homossexualidade masculina; Cita que alguns brinquedos femininos, como bonecas, escolhidos por meninos e sua preferência por brincar somente com meninas, constitui-se em um indício, quase infalível, de homossexualismo.</p>		
PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS		
<p>Os pais devem estimular os meninos a brincarem com outros meninos; Brincadeiras masculinas devem ser sugeridas pelos pais; Filho único requer muitos cuidados: não mimá-lo demais; evitar carinhos excessivos; aproximá-lo sempre do pai.</p>		

Fonte: O autor e a autora.

O *corpus* nos mostrou que muitas das proposições dos campos da Medicina e da Psicologia estavam próximas. Devido a essa característica acabamos por agrupá-las, e em vez de ter um conjunto de informações sobre a homossexualidade advindas da Medicina, Psicologia e Educação, separamos em dois *corpora* (ou *subcorpus*). Assim, o *corpus* total subdividiu-se e os denominamos de “*corpus* medicina/psicologia” e “*corpus* educação”. Esse procedimento nos ajudou no manuseio e interpretação dos conteúdos que estruturaram as categorias de análise bem como no processo de escrita devido o volume de trechos que foram gerados no processo de categorização. Ainda assim, ficava difícil em muitos momentos separá-las porque existe um processo de retroalimentação dos campos da Medicina e da Psicologia. As especificidades às vezes separam-nas e criam divergências e contradições, mas em outras situações precisam se unir para reforçar seu poder discursivo. O higienismo é um exemplo emblemático do acordo entre Medicina e Psicologia. Para Maria Lúcia Boarini e Oswaldo Yamamoto (2004), apesar de o higienismo ser uma temática “virtualmente ausente no campo psicológico” (BOARINI; YAMAMOTO, 2004, p.2) e centrar-se tradicionalmente nos campos da Antropologia, Biologia, Educação, Educação Física, Medicina e Psiquiatria: “Isso não significa, todavia, que a Psicologia e os psicólogos estejam isentos desses discursos. [...] é, sobretudo, nos limites tênues entre Educação/Psicologia/Saúde que as ideias higienista e eugenista encontram seu elixir da juventude” (BOARINI; YAMAMOTO, 2004, p.2).

O “*corpus* medicina/psicologia” contém trechos selecionados de livros das áreas da Medicina, Psiquiatria e Psicologia e dos livros que trazem discussões que conectam a medicina com a psicologia, criminologia e teologia. O outro *subcorpus* denominado de “*corpus* educação” é composto por trechos retirados de livros de Educação, Orientação Educacional e Educação Sexual e de produções que misturam o campo da Educação com a Psicologia. Apresenta trechos que demonstram claramente a intenção dos autores e autoras em terem professores/as e pais como seus/suas leitores/as. Os livros que compuseram o “*corpus*

educação” trazem uma linguagem simples e acessível embora ideias e proposições contidas sobre a homossexualidade fossem apresentadas em linguagem científica e médica. Esse fato demonstra – o material nos fez compreender dessa forma – o quão as proposições e ideias médicas construídas sobre sexualidade e gênero, foram incorporadas, endossadas e (re)configuradas pelo campo educacional no decorrer do século XX. Mesmo utilizando termos e jargões da Medicina e da Psicologia esses livros dispunham de uma retórica didaticamente elaborada. Por outro turno, não surpreendeu ler os livros de Medicina e Psicologia e encontrar uma linguagem mais técnica e específica. Os trechos que compõem o “*corpus medicina/psicologia*” ilustram muito bem esse aspecto.

Outro ponto importante a destacar é a indicação que os/as autores/as faziam sobre o público para quem suas produções eram direcionadas. Quatro produções foram escritas para o público em geral: três estão inscritas no “*corpus educação*” e uma no “*corpus medicina/psicologia*”. As vinte e oito produções restantes tinham público específico a atingir: o “*corpus medicina/psicologia*” demonstra que os/as autores/as esperavam ter seus livros apreciados principalmente por médicos/as, psiquiatras e psicólogos/as. Nesta categoria apenas um livro cita professores/as como possíveis leitores da obra. Em outros dois livros são citados religiosos e em duas produções são apontados profissionais do Direito como pessoas que devem apreciar os textos médicos. Quatorze livros que compuseram o *corpus* são obras estrangeiras que foram traduzidas para a língua nacional: nove livros do “*corpus medicina/psicologia*” e cinco livros do “*corpus educação*”. Os referidos livros são indicados nos Quadros 1 e 2 com a seguinte descrição: *obra traduzida (do alemão, francês ou inglês)*.

Ao analisar o *corpus* que nos deu suporte para fundamentar o argumento de que os discursos sobre a homossexualidade presentes em conteúdos de livros médicos do século XX estruturam uma forma específica de conduzir, utilizamos alguns pressupostos dos filósofos Michel Foucault e Jacques Derrida. Principalmente via textos, teses, dissertações, ensaios e manuscritos de autores e autoras do campo

educacional brasileiro que operam com as ferramentas de análise foucaultiana e derrideana, assim como aqueles e aquelas que posicionam sua crítica à construção discursiva das identidades não-hegemônicas, como a homossexualidade. Tais linhas de pensamento advertem que falar sobre gênero e sexualidade não é tarefa simples. Essas teorizações criticam ideias e conhecimentos que tentam enquadrar, essencializar, naturalizar e padronizar atitudes e comportamentos. Seus pressupostos expurgam as operações heteronormativas que insistem em polarizar gênero e sexualidade. São reflexões e formas de compreender o objeto de pesquisa acenando “para a capacidade de se refletir acerca das ciências do homem (sic) enquanto saberes, investigando as condições de sua existência com base na análise do que dizem, como dizem e porque dizem” (GONDRA, 2005, p. 288).

A teoria *queer* foi um aprofundamento do que vínhamos discutindo com base nos estudos feministas e também nos estudos de gênero. Para nós é importante termos a consciência dos contextos sobre como o feminismo, ao longo de sua trajetória, encaminha os debates teóricos. E, temos a percepção de que há um amadurecimento e uma complexificação dos argumentos teóricos nesse campo de estudos. Na Academia as teóricas feministas, sem sombra de dúvida, colocaram em cheque as certezas científicas do mundo androcêntrico, heterossexual, racista e classista. Uma ciência denunciada como tal, teve primeiro um grupo de cientistas que precisou marcar território primeiramente definindo a categoria de análise chamada gênero inicialmente mais propagada pela historiadora Joan Scott e pela antropóloga Gale Rubin. Para logo em seguida, em especial no final da década de noventa do século XX, autoras como Judith Butler (2007) questionar e deslizar a categoria de gênero para um foco fronteiro. Afinal essa categoria mantinha a visão binária entre o masculino e o feminino, o que para autoras como Butler e também Beatriz Preciado (2011) já não cabe quando se pensa nas variadas modalidades e experimentações que as pessoas podem viver sua sexualidade. E de forma semelhante há uma outra crítica de algumas feministas autônomas latino-americanas questionando também essa ca-

tegoria que teve e tem um grande fôlego tanto na Academia quanto em órgãos de fomento. A crítica feita por autoras como Francesca Gargallo (2006) é que as lutas das mulheres por meio do movimento feminista foram aplastadas com essa categoria que se anunciou como que um tanto quanto palatável entre os pares da Academia e dos órgãos de fomento nas políticas públicas em muito países. Entendemos, portanto, que a teoria *queer* quando atenta também para os aspectos de classe, raça/etnia contempla amplamente a crítica ao mundo construído numa lógica harmônica, cristã, ou de qualquer uma das religiões monoteístas em que o dualismo se instala como balança pendendo sempre para um dos lados, ou seja, do poder que os homens [de preferência brancos] produziram ao longo da civilização.

Desse modo, nos apropriamos do objeto do nosso estudo a partir das proposições da teoria *queer*, das reflexões foucaultianas e do desconstrucionismo que se constituiu em um produtivo recurso teórico-metodológico “para responder à indagação acerca do que somos e como chegamos a ser o que hoje somos” (GONDRA, 2005, p. 289). A escolha da analítica *queer* foi uma forma de problematizar o discurso “total”, estranhar o instituído e chacoalhar os pressupostos naturalizantes historicamente construídos para o sujeito homossexual (BENTO, 2008, 2006, 2004, 2003; FURLANI, 2008, 2007, 2005a, 2005b; LOURO, 2009, 2008a, 2008b, 2007a, 2007b, 2006, 2004, 2003, 2001a, 2001b, 2000, 1999). Por isso, as argumentações nesse texto foram construídas realizando um movimento teórico e metodológico visando descrever e problematizar alguns pressupostos médicos sobre a homossexualidade ainda considerados como totais e naturais. Praticando a “desconfiança *queer*” assim como a hermenêutica da suspeita⁶ e colocando em evidência determinadas ideias veiculadas sobre o sujeito homossexual, nossa intenção foi demonstrar que os saberes médicos das décadas de 1920 a 1970

⁶ Praticar a desconfiança *queer* nesse contexto de pesquisa visa desvelar os sutis processos médico-pedagógicos que contribuíram (e contribuem) para a cristalização dos binarismos e da naturalização dos gêneros e sexualidade.

elaboraram e propagaram discursos cujo principal objetivo era orientar os sujeitos a lidar com o/a homossexual e conduzi-lo/a, reorientá-lo/a e educá-lo/a para a heterossexualidade. A ideia de desconstrução como tática metodológica nos ajudou a pensar os processos que (re)produzem discursos sobre a homossexualidade e a heterossexualidade. O pensar desconstrucionista “sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos das polaridades” (LOURO, 2007a, p.32) de gênero e sexualidade e “supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita” (LOURO, 2007a, p.32).

A noção de “*pedagogia dos manuais médicos*”

As descrições e problematizações que realizamos no *corpus* investigativo aqui apresentado nos permite afirmar que ideias, proposições, teorias e teses defendidas pelos/as autores/as dos livros médicos catalogados veiculam informações sobre formas de pensar, agir e conduzir os sujeitos categorizados como homossexuais. As proposições inscritas em tais livros demonstraram existir uma operação pedagógica que apresenta uma faceta metodológica produtiva e mantenedora do discurso normalizante e patologizante sobre o/a homossexual. Defendemos que todas essas operações constituem uma pedagogia a qual denominamos *pedagogia dos manuais médicos*. Mas, a que pedagogia estamos nos referindo? Construimos a noção de *pedagogia dos manuais médicos* a partir de qual lugar? Em qual discurso nos ancoramos para defender que determinados/as autores/as do campo das ciências biomédicas, em determinado período (décadas de 1920 a 1970), produziram e divulgaram ideias pedagógicas sobre a homossexualidade em suas produções?

A matriz ideológica que nos apoiamos para explicar a constituição e as operações da *pedagogia dos manuais médicos* foi o construcionismo social. O construcionismo social percebe a cultura como local de (re) produção de discursos que posicionam os sujeitos. Para Silva (2009), os discursos, as representações, as ideias, os ditos e não ditos, etc., são construções e reconstruções socialmente reiteradas tendo como aportes os artefatos culturais. Eles resultam de “um processo de construção

cultural” (SILVA, 2009, p.134). São produzidos e inventados na cultura e para o consumo. Livros são exemplos de artefatos culturais (SILVA, 2009; FURLANI, 2005a). Consideramos que os livros de Medicina, Psicologia e Educação que trataram da homossexualidade entre as décadas de 1920 a 1970 constituem artefatos culturais que participaram da construção e manutenção de um discurso pedagógico direcionado aos sujeitos qualificados como homossexuais.

A noção de pedagogia cultural divulgada e defendida por Shirley Steinberg (2001, 1997), Marisa Vorraber Costa (2010) e Louro (2010) nos ajudou a construir a ideia de *pedagogia dos manuais médicos*. Segundo Steinberg (2001), a sujeição e a regulação das pessoas não se dão somente pelos discursos veiculados nos espaços pedagógicos institucionalizados como a escola. Assim, todos os espaços socioculturais em que o poder se organiza e se exercita, como mídia televisiva, redes sociais, filmes, jornais, revistas, brinquedos, catálogos, propagandas, anúncios, *videogames*, livros, esportes, *shopping centers*, dentre outros, são espaços que educam, praticando pedagogias culturais que moldam nossa conduta.

Médicos, psicólogos e orientadores educacionais do período de 1920 a 1970, ao discorrerem sobre a homossexualidade e os/as homossexuais, encontravam no ato educativo a possibilidade de correção do “problema”. Assim, muitos conteúdos foram traduzidos por nós como sendo de perspectiva pedagógica e entravam nas discussões como aporte relevante ao orientar e sugerir como lidar com situações desse tipo e ao mesmo tempo auxiliar na prevenção da prática homossexual. Nesses livros a intencionalidade pedagógica de alguns conteúdos sobre a homossexualidade é clara: “O adultério, o aborto, o lenocínio, a poligamia, a inversão sexual *oferecem material imenso à pedagogia do sexo*” (LYRA, 1932, p.191) (grifos nossos); “A educação é o meio de corrigir as inclinações dos uranistas” (LYRA, 1932, p.188) (grifos nossos); “O homossexualismo é um *problema de educação infantil. Não negamos as suas características pedagógicas*, mas também devemos convir que, *na falência da pedagogia*, a questão se torna de pura criminologia”

(RIBEIRO, 1934, p.48) (grifos nossos); “As aberrações sexuais como a *pederastia*, apresentam ao médico-legista um terreno rico de deduções de grande valor criminológico. *Elas são com frequência o resultado de uma deficiente educação*” (BALESTRA, 1943, p.157) (grifos nossos).

Inúmeros foram os profissionais das ciências médicas (clínicos gerais, endocrinologistas, médicos legistas, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas) que, demonstrando resultados e achados “incontestáveis” em suas investigações sobre os “invertidos”, influenciaram variados escritores a publicarem produções que discutissem maneiras de corrigir as tendências degenerantes dos “pervertidos”. Esses modos de encaminhar discursos, demonstrar resultados, ensinar a distinguir tipologias e condutas desviantes, caracterizar o sexualmente normal e anormal e direcionar formas para corrigir os distúrbios é que classificamos como *pedagogia dos manuais médicos*. Pedagogia que deu certo porque não parou de se fortalecer a cada investida, a cada tática, a cada insistência em falar – e em detalhes – do anormal. Seja nos livros, no espaço familiar, no consultório, no salão paroquial, no tribunal, no necrotério, na delegacia, ou na sala de aula, essa pedagogia demonstra que “o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: [...] obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado” (FOUCAULT, 2007, p.24).

Dispositivo é um conceito importante nas problematizações realizadas por Michel Foucault (2007) e que nos ajudou a compreender o empreendimento discursivo da *pedagogia dos manuais médicos* quando demonstra que através da sexualidade são controladas, corrigidas e reconduzidas à posição de sujeito que satisfaz ao projeto heterossexista. Esses sujeitos são bombardeados por discursos recheados de normas, proposições, saberes e direcionamentos heterossexuais. Enfim, um conjunto diversificado de regras inventadas e geridas por poderosas instituições sociais e potentes aparelhos ideológicos como a Medicina. Foucault ao elaborar o conceito de dispositivo tentou “[...] demarcar um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, insti-

tuições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2000, p. 244).

A sexualidade envolve linguagens, ritos, fantasias, representações, símbolos e convenções. Processos e construções “profundamente culturais e plurais” (LOURO, 1999, p.11). Nessa dimensão, nada há de totalmente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo. Através de processos culturais definimos o que é ou não natural. A inscrição dos gêneros nos corpos, por exemplo, é realizada, sempre, no âmbito de uma cultura. As identidades sexuais e de gênero são, todavia, construídas e definidas por relações sociais, “elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 1999, p.11). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou grupos sociais. “Quem tem primazia nesse processo? Que instâncias e espaços sociais têm o poder de decidir e inscrever em nossos corpos as marcas e as normas que devem ser seguidas?” (LOURO, 2008a, p.18). Essas são algumas questões que Louro (2008b) lança para defender que na construção dos gêneros e da sexualidade existe uma pedagogia que age por meio de inúmeras aprendizagens e práticas, “insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado” (LOURO, 2008a, p.18). Em vários espaços “é exercida uma pedagogia da sexualidade” (LOURO, 1999, p.31) e instituições sociais como “a medicina e outras tantas, exercitam cotidianamente essas pedagogias” (FURLANI, 2005a, p.32). Desta forma, livros de conteúdos biomédicos, psicológicos e educacionais são instrumentos que veiculam informações sobre a sexualidade. Acrescenta-se também a capacidade de produzirem efeitos de verdade sobre a já cristalizada noção da sexualidade heterossexual como parâmetro de normalidade. Meios que apresentam um modo específico de dizer, de influenciar, de direcionar os enunciados da “naturalidade” da sexualidade e dos gêneros (FURLANI, 2005a).

A *pedagogia dos manuais médicos* configurou-se/configura-se como um trabalho metódico e detalhado, visando uma naturalização eficiente, duradoura e de ressonâncias indescritíveis – não é difícil percebermos na atualidade suas operações, principalmente em artefatos culturais do tipo livros didáticos e paradidáticos (LIONÇO; DINIZ, 2009; FURLANI, 2007, 2005a; FELIPE, 2007). Ela opera formas de proceder, de conduzir, de convencer, de ensinar, de inculcar e nomear, em alguns momentos de forma sistemática e intencional e em outros momentos assistematicamente. Em todo o século XX, a *pedagogia dos manuais médicos* estimulou o lançamento de inúmeras produções (e continua estimulando), agora com o *status* de “Educação Sexual”, para serem utilizadas por educadores/as, pais, etc. Diluídas entre os objetivos marcadamente biologizantes estavam/estão as intenções de ensinar, convencer e propagar as verdades sobre a naturalidade e licitude da heterossexualidade e a promoção estratégica do silenciamento das “sexualidades subordinadas” (BENTO, 2008), como a homossexualidade.

Considerações finais

O processo de análise permitiu compreender que os discursos sobre a homossexualidade apresentavam/apresentam⁷ intenções pedagógicas. O uso dos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa documental ajudou a perceber as sutilezas e detalhes desses discursos. As descrições e problematizações realizadas nos motivou a defender que entre os anos de 1928 a 1978, um conjunto de ideias sobre a homossexualidade foram configuradas e constituíram saberes médicos pedagogicamente articulados visando gerir os sujeitos categorizados como homossexuais. Bem como mantiveram configurações do que era o feminino e o masculino dentro de uma norma que possui um tipo de masculino como o dominante e onde o feminino está

⁷ Expressamos essa afirmação nos tempos verbais passado e presente por que os livros analisados estão disponíveis nas bibliotecas e podem ser acessados a qualquer momento mesmo sendo produções consideradas obsoletas.

sempre refém do ensinamento de ser “de alguém e para os outros” (LAGARDE, 2005) e por amor.

Este conjunto de discursos os quais articulam conhecimentos da Biologia, da Medicina, da Psicologia e da Educação denominamos de *pedagogia dos manuais médicos*. Os trechos dos livros de Medicina, Psicologia e Educação demonstram que os autores forneciam informações de cunho pedagógico de *como* reverter a situação da homossexualidade que por ventura pudesse aparecer nas pessoas (filhos/as, alunos/as, etc.). No material analisado existem proposições médicas que “*ensinam*” como conduzir a homossexualidade dos sujeitos, lidar com o menino afetado/afeminado, reconduzir a menina masculinizada e, posteriormente, torná-los/las aptos/as a exercer a heterossexualidade. São apontadas estratégias educativas, receitas, experiências, modos de agir diante da situação “indesejável” de se ter um/a filho/a homossexual.

A educação sexual proferida na época fazia parte dessa teia discursiva consubstanciada pela *pedagogia dos manuais médicos*. Os livros analisados deixam explícito que a educação moral e sexual da época eram aliadas nesse projeto de (re)condução do/a homossexual. A ideologia médica presente nas produções orientava os/as leitores/as para estimularem o exercício da heterossexualidade em que essa prática deveria estar no ambiente familiar e na escola consubstanciando a vigilância, a higiene, a disciplina e, acima de tudo, fortalecendo ideias, pressupostos e representações que inscreviam a homossexualidade como uma prática indesejável, antinatural, suja, etc.

Defendemos a ideia de *pedagogia dos manuais médicos* porque o *corpus* nos fez compreender que o discurso médico sobre a homossexualidade como entidade patológica e, portanto anormal, vinha sendo construído desde o século XIX, mas foi sobretudo no século XX que o mesmo se articulou de forma mais elaborada, complexa e respaldada pelos cânones da ciência médica visto que as ideias de cunho religioso estavam sendo colocadas em xeque e os conhecimentos médicos sobre o sujeito homossexual se dissipavam com mais intensidade influenciando áreas como a Psicologia e a Educação.

Há ainda muitas outras questões a serem levantadas com base nesse material que, em grande medida sustenta “ensinamentos” que educam para a norma heterossexual. Por exemplo: por que o afeminado no menino possui a conotação de subserviente e inferior? Por que incomoda tanto quando os trejeitos buscam e lembram os recortes ensinados de que deveria ser uma mulher no corpo de um homem? E por que o másculo na menina é uma anomalia e uma aberração impertinente? O que acontece com “o feminino” produzido em séculos de lógica e dominação patriarcal, e hoje desconstruído pelas próprias mulheres? Qual desconstrução fazer? Outros livros, outros quadros, outras interpretações.

Referências

- BALESTRA, Carlos Fontán. *Criminologia y educacion*. Buenos Aires: Libreria Hachette, 1943.
- BENTO, Berenice. *O que é transexualidade?* São Paulo: Editora Brasiliense, 2008. (Primeiros Passos).
- _____. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- _____. Da tansexualidade oficial às transexualidades. In: PISCITELLI, A; GREGORI, M. F; CARRARA, S. (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 143-172. 2004.
- _____. Transexuais, corpos e próteses. *Labrys Estudos Feministas*, n. 4, ago./dez. 2003.
- BOARINI, Maria Lucia; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Higienismo e Eugenia: discursos que não envelhecem. *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 59-72, 2004.
- BUTLER, Judith. *El género en disputa: el feminismo y lasubversion de laidentidad*. Madri: Paidós, 2007.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 295-316, 2008.

COSTA, Marisa Vorraber. Poder, discurso, e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). *Currículo: debates contemporâneos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DUFFY, Brendan. Análise de evidências documentais. In: BELL, Judith (Org.). *Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 107-117, 2008.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. *Pró-Posições*, São Paulo, v.18, n.2 (53), p. 77-87, mai./ago. 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. *Microfísica do poder*. 15. ed. São Paulo: Graal, 2000.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. Sexo, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da educação sexual. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.46, p.269-285, dez. 2007.

_____. *O bicho vai pegar! Um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis*. 2005. 197 fls. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2005a.

_____. Políticas identitárias na educação sexual. In: GROSSI, M. P. et al. (Orgs.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005b.

GARGALLO, Francesca. *Las ideas feministas latinoamericanas*. México: UACM, 2006.

GONDRA, José Gonçalves. Paul-Michel Foucault – Uma caixa de ferramentas para a História da Educação? In: FARIA FILHO, Luciano

Mendes de (Org.). *Pensadores sociais e História da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 285-309, 2005.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. (orgs.). *Educação & Homofobia: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. Foucault e os estudos *queer*. In: VEIGA-NETO; Alfredo; RAGO, Margareth. (Orgs.). *Por uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pró-Posições*, São Paulo, v.19, n.2 (56), p. 17-23, mai./ago. 2008a.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008b.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007a.

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.46, p. 201-218, dez. 2007b.

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar Elisabeth. (Orgs.). *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, Marisa Vorraber. *O currículo nos limites do contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

- _____. Sexualidade e gênero na escola. In: SCHMIDT, Sarai. (Org.). *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001a.
- _____. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas* [online], Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, jul./dez. 2001b.
- _____. Segredos e mentiras do currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron. *A escola cidadã no contexto da globalização*. 4. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- _____. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LYRA, Roberto. *Polícia e justiça para o amor*. Rio de Janeiro: Editora S.A. Noite, 1932.
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2005.
- PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.114, p.179-195, nov. 2001.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrasexual*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2011.
- RIBEIRO, Leonídio. *Polícia científica*. Rio de Janeiro: Guanabara, Waissman Koogan, 1934.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristovão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, Ano 1, n.1, jun. 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte, Minas Gerais: Autêntica, 2009.
- STEINBERG, Shirley R. *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, L. H. da; AZEVEDO, J. C. de; SANTOS, Edimilson Santos dos (Orgs.). *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Educação de Porto Alegre, 1997.